

NO MEU TEMPO ERA ASSIM: DESAFIOS E CONEXÕES NA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Maria Estefânia Sabino Freitas¹
Francisco Victor Macêdo²

RESUMO

O presente resumo versa sobre a atividade No meu tempo era assim, realizada na área de Ciências Humanas na Escola de Ensino Médio Vereadora Edimar Martins da Cunha, da cidade de Itapiúna/CE, em 2020, no contexto das aulas remotas. Nesta atividade os alunos trabalharam com fotos antigas do seu arquivo pessoal, (por isso o nome da atividade, no meu tempo) para relacioná-las com um acontecimento que teve repercussão nacional ou mundial do mesmo ano. Este resumo teve objetivo refletir sobre o uso de tecnologias na prática docente em Ciências Humanas a partir da avaliação dos/as estudantes/as sobre essa didática. Através de uma breve revisão bibliográfica e análise dos relatos dos estudantes e professores, ele discute sobre desenvolvimento da consciência de si como sujeito histórico e papel dos estudantes na construção da história do cotidiano através das narrativas visuais e textuais postada nas redes sociais como parte de uma atividade escolar. Mesmo diante dos desafios do ensino remoto a teoria, a prática e o conhecimento precisam estar cada vez mais integrados para a produção de um saber interdisciplinar e significativo para os estudantes.

Palavras-chave: ENSINO REMOTO PRÁTICA DOCENTE CIÊNCIAS HUMANAS .

UNILAB, HUMANIDADES, Discente, hist.fania@hotmail.com¹
UNILAB, HUMANIDADES, Docente, vitor@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

Em tempos de ensino remoto, tentando responder a algumas questões clássicas, como *para que serve a História*, e diante do desafio de - nesse contexto - tornar as aulas de Filosofia e Sociologia mais práticas e envolventes, as/os professoras/es da Escola de Ensino Médio Vereadora Edimar Martins da Cunha, da cidade de Itapiúna/CE, propuseram, em junho de 2020, uma atividade interdisciplinar/transdisciplinar em Ciências Humanas: a fim de ser realizada pelas/os estudantes em suas próprias redes sociais.

Ante a compulsoriedade das aulas remotas, a proposição de atividades em diversas redes e plataformas virtuais deve ser impulsionada, como forma de se buscar estender e cultivar o empenho dos/as estudantes em mais amplas e diversas situações de interação e aprendizagem, haja vista que o distanciamento físico da escola pode lhes sugerir a dispersão no mundo virtual. Desse modo, os/as alunos/as que têm acesso à internet foram orientados/as a elaborar uma atividade, mediante a postagem de conteúdos e arquivos imagéticos em suas redes sociais, os quais permitissem, posteriormente, a proposição de algumas sequências didáticas interdisciplinares pelos/as Professores/as de História, Filosofia e Sociologia.

A postagem de fotos, imagens e também de pequenos textos foi feita pelos/as estudantes do 2º/3º anos do Ensino Médio em seus perfis de contas no Facebook e no Instagram, à escolha deles/as. Essas redes possibilitam a intensa interação das/os estudantes com inúmeras pessoas, a maioria de fora do contexto da escola, através de compartilhamentos, reações com curtidas - as quais representam um tipo de aprovação - e comentários.

Vislumbrando essas possibilidades, a atividade *no meu tempo era assim* consistiu na escolha, por parte de cada estudante, de uma fotografia *antiga* - de seu acervo pessoal e/ou familiar -, a qual detivesse um valor ou lhes suscitasse memórias de cunho afetivo, e de outra imagem, igualmente por eles/elas escolhida, a partir de pesquisas na internet, a respeito de eventos com relevância nacional ou mundial, os quais tivessem ocorrido no mesmo ano da foto pessoal. Na sequência às postagens, eles/as deveriam produzir pequenos textos, como legendas às fotos, nas mesmas redes sociais, descrevendo as suas lembranças e avaliando os acontecimentos históricos da época, estabelecendo assim uma espécie de *linha do tempo*: entre as suas vivências pessoais e o que, naquele momento, era notícia na cidade, no estado, no país ou no mundo.

Esta atividade torna-se relevante à medida que o aluno volta o olhar para *si*, para sua própria história e parte da sua narrativa para buscar o entendimento de relações sociais, políticas e culturais, percebendo-se também como sujeito ativos dos processos cotidianos e históricos. Carla Pinsky (2010), ao refletir sobre interdisciplinaridade, cotidiano, estudo e ensino de História, observa que:

Os currículos escolares e o próprio trabalho em sala de aula têm procurado acompanhar o desenvolvimento de estudos históricos nas universidades. A velha história de fatos e nomes já foi substituída pela História Social e Cultural; os estudos das mentalidades e representações estão sendo incorporados; pessoas comuns



já são reconhecidas como sujeitos históricos; o cotidiano está presente nas aulas e o etnocentrismo vem sendo abandonado em favor de uma visão mais pluralista. (PINSKY, p. 7, 2010)

As/os estudantes foram estimuladas/os, assim, a se utilizar de diversos meios para realizar essa atividade escolar. As fotografias, as imagens, as linguagens e narrativas visuais se sobrepuseram, no entanto; e foram evidenciadas mediante o compartilhamento e a avaliação histórico-afetiva das lembranças dos arquivos pessoais. Isso imprimiu à atividade mais autonomia, ampliando a capacidade de observação, reconhecimento e crítica da história pessoal, situando as/os estudantes no tempo/espaço de diversas outras abordagens históricas e sociais: a fim de que também eles/elas mesmos/as se percebessem como sujeitos/as históricos/as.

Diante disso, a atividade teve como objetivo refletir sobre o processo de construção da história de vida dos/as alunos/as, reconhecendo-os/as como sujeitos/as históricos/as e pesquisadores/as inseridos/as em seus próprios contextos de vida. Partindo da concepção de Oliveira (2009): “A pesquisa não é algo elevado, sublime, difícil, restrito às universidades, mas uma prática cotidiana: uma forma de se relacionar com o conhecimento de si e do mundo” (OLIVEIRA, p. 24, 2009).

Por último, mas não menos importante, este trabalho teve igualmente como objetivo refletir sobre o uso de tecnologias na prática docente em Ciências Humanas, e apreciar a percepção/avaliação dos/as alunos/as sobre essa didática.

METODOLOGIA

As reflexões para este estudo foram feitas a partir de uma breve discussão bibliográfica, a fim de que embasássemos a concepção metodológica do ensino-aprendizagem por meio de propostas e abordagens interdisciplinares nas Ciências Humanas. Iniciamos então pela consulta ao Manual do/a Professor/a, do livro *História global* (COTRIM, 2016), bem como à obra *Novos temas nas aulas de história* (PINSKY, 2010).

Ambos os textos evidenciam a necessidade de se proporcionar experiências e situações práticas de ensino e aprendizagem da História, por meio de debates e discussões que envolvam o atravessamento de



variadas temáticas: de gênero, ambientais, tecnológicas, de combate aos preconceitos de raça e religião, e igualmente de modo a entrelaçar os múltiplos contextos históricos em seus diversos níveis (cotidianos, diacrônicos, locais, regionais, nacionais e globais).

Essas novas abordagens enfatizam e valorizam o *fazer* e a *prática*, sendo pensadas para renovar as concepções didáticas e metodológicas do ensino em Humanidades, sobretudo por intermédio do uso e da disseminação dos meios e tecnologias da comunicação (BNCC, 2017).

Para contribuir com esse estudo, conversamos com o Professor de Filosofia e Sociologia Felipe Pedrosa, e com mais cinco estudantes do 2º e do 3º ano do Ensino Médio da Escola Vereadora Edimar Martins da Cunha - que realizaram essa atividade em junho do ano passado (2020). Solicitamos-lhes, via email, um pequeno relato sobre o seu entendimento e avaliação quanto à atividade desenvolvida, bem como algumas fotos (*prints* de tela) com as postagens realizadas nas redes sociais. De forma sucinta, apresentamos parte das observações desses/as sujeitos/as da pesquisa, e também de suas análises sobre a prática realizada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tão importante quanto desenvolver atividades que atendam à urgência do uso de tecnologias da informação e da comunicação, e que ora atentem adequada e concomitantemente às imposições do ensino remoto em circunstâncias pandêmicas, é igualmente avaliar e analisar - entre coordenação pedagógica, corpo docente e discente - os seus efeitos e resultados. Contribuindo com essa visão, o Professor de Filosofia salienta: Trabalhar com as fotografias dos próprios alunos em Ciências Humanas possibilita-lhes conhecer e valorizar mais a sua história, se reconhecendo como um ser de valor no seio familiar, na escola e na comunidade. Nessa atividade, o mais importante não foram as curtidas nas redes sociais, mas a valorização da sua identidade e da alteridade. Ponderando a partir desse relato de experiência do Professor, percebemos que o maior desafio - na atual perspectiva didática das Ciências Humanas - não é pensar o uso da tecnologia e das redes sociais, mas sim reconhecer as outras dimensões as quais constituem o ensino e a aprendizagem em Ciências Humanas: entre elas, a valorização do Eu como sujeito histórico. Para esta atividade, o aluno do 3º ano, Guilherme Maciel, compartilhou uma fotografia de sua família, de janeiro de 1990, referente à ocupação da fazenda Massapê-Cangaty, comunidade onde moram os seus familiares até hoje. Na ocasião retratada, mais de trinta famílias se reuniram e montaram acampamento, com o intuito de pressionar o estado para a desapropriação daquela terra. Segundo a descrição do aluno, “com o apoio do Padre Eudásio Nobre ao Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) em Itapiúna, as famílias puderam resistir às ameaças de morte e destruição, e criaram naquele ano um acampamento. Assim, elas resistiram e estão lá até hoje”. Ainda que ele mesmo, naquele momento, não estivesse lá, ele hoje pode reconhecer que a luta e a resistência de seus pais e familiares lhe foram fundamentais: a fim de que, em seu tempo presente, ele aqui estivesse e trouxesse criticamente à memória a importância histórica do movimento popular dos/as trabalhadores/as por reforma agrária. A partir das narrativas dos/as próprios/as estudantes, é possível então se buscar referências



para estudar o passado e se repensar a História em seu tempo presente - não apenas através de vultos ilustres, mas por meio do entendimento de que todos/as somos sujeitos/as históricos/as. Afinal de contas, “o cerne do ensino de História consiste no desenvolvimento da consciência crítica, que se desdobra em duas dimensões: a consciência de si e a consciência do outro” (COTRIM, 2016, p. 289). Dando continuidade à discussão, compartilho algumas outras impressões das/os estudantes sobre a atividade nas redes sociais: para Bianca Matias, “as pessoas reagiram (nos comentários da postagem) com espanto, por ver como o tempo passou rápido. Essa atividade é uma forma de levar conhecimento para as outras pessoas e para nós”. Marymar Vidal Bezerra já observa que “é uma forma de me conectar com o mundo e com as coisas que aconteceram na minha vida, das quais eu nem lembrava mais. As pessoas comentaram e acharam bem legal a minha postagem”. De acordo com o que elas observam, a atividade foi significativa - não somente para elas, mas também para algumas pessoas que interagiram com as suas postagens. Elas puderam se dar conta das mudanças ocorridas nelas mesmas, e ainda rememoraram rituais e celebrações significativas, as quais estavam arquivadas. Nesse sentido, vale ressaltar que “a memória, na verdade, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significados” (PORTELLI, 1998, p.118). Por meio de interações como as que foram proporcionadas por essa atividade, as pessoas podem se conhecer mais, e estabelecer paralelos entre o seu cotidiano e o contexto histórico em que estiveram e ainda estão inseridas. Através da narrativa visual e da postagem de textos referentes, os/as estudantes também externaram nas redes sociais problemas do passado e do presente, como a preocupação com a preservação da Ponte Metálica do distrito de Caio Prado, em Itapiúna/CE. Em sua postagem, a aluna Lavigne Kelly descreveu a importância dessa ponte para a população, destacando a sua utilidade no período de chuvas e também o fato de ser considerada um ponto turístico do distrito. Na sua atividade, ela relaciona o ano de 1892, ano de conclusão da construção da ponte, com a mudança na Constituição Republicana, que à época abolia o voto censitário. Estabelecendo conexões entre o que é vivido na esfera cotidiana, familiar, local, regional e nacional, percebe-se que, a partir de suas experiências - e de seus acervos de imagens familiares e da internet -, as/os estudantes puderam externar antigos problemas, como esse da conservação e valorização do patrimônio local, tanto quanto questões relativas aos desafios e lutas coletivas, como, por exemplo, em demanda por terra e reforma agrária. Vale ressaltar que, desse modo, são postas em prática metodologias ativas e interativas de ensino e aprendizagem, partindo de uma das diretrizes da atual BNCC (Base Nacional Comum Curricular), a qual incentiva a promoção dos/as alunos/as à condição de protagonistas de seus próprios processos didáticos (BRASIL, 2017).

CONCLUSÕES

As Ciências Humanas têm o papel importante de revelar as desigualdades sociais e as suas causas, além de ajudar a resistir e a lutar na busca por emancipação social, “isso implica no reconhecimento crítico da razão dessa situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure outra razão, que possibilite a busca do ser mais” (FREIRE, p. 22, 1987, grifos nossos). Nesse período marcado por incertezas, fake news, fanatismos, negacionismo e acirramento das desigualdades, devemos buscar refletir - como Professoras/es de Humanidades - sobre as causas de atuais e recorrentes problemas sociais, ao mesmo tempo em que ousemos traçar novos planos e possibilidades para a nossa prática docente. Cabe-nos sempre o pensamento e o desenvolvimento prático da consciência crítica, compreendida em duas dimensões: a de si, valorizando a identidade de cada um/a, e a do/a outro/a, reconhecendo a alteridade. Promovendo o acolhimento, o desenvolvimento dessas duas dimensões, estaremos no bom caminho para a construção de relações sociais mais justas e democráticas. A vida, as aulas e o conhecimento precisam estar cada vez mais



conectados e pensados de maneira prática, interativa, comunicativa e interdisciplinar. Os/as professores/as não têm todas as respostas, todavia se lançam no empreendimento de ensinar - e de aprender - com o auxílio das novas tecnologias, mediante o uso criativo de diversificadas fontes de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Aos diálogos com o meu Orientador.

Ao professor Felipe Pedrosa e aos/às estudantes que contribuíram para essa discussão de forma crítica e assertiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (**BNCC**). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, **2017**.

COTRIM, Gilberto. História Global/ Suplementado pelo manual do professor/ 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

DELORS, J. Educação, um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI. 6. ed. Tradução de José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

OLIVEIRA, Gilvan Müller. A pesquisa como princípio educativo. Florianópolis: Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística, 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi. Novos temas nas aulas de história. (Organizadora). -1. Ed., São Paulo: Contexto, 2010.

PORTELLI, Alessandro. "O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944)." M. M.



Ferreira e J. Amado (Orgs.), Uso e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV (1998): 103-130.

